

PROCESSOS GENERATIVOS NO DIÁLOGO: COMPLEXIDADE, EMERGÊNCIA E AUTO-ORGANIZAÇÃO*

GENERATIVE PROCESS TO DIALOGUE: COMPLEXITY, EMERGENCE AND
SELF-ORGANIZATION

RESUMO: Os novos paradigmas favorecem uma concepção plural, polivocal e emergente da ciência, da cultura e das relações interpessoais, coconstituída mediante nossas ações comunicativas. Nesta perspectiva ganham importância os processos generativos, o diálogo, a ética e a ecologia social. O artigo propõe o diálogo como metateoria que se centra na exploração ativa das zonas de contato e os enlaces como novos territórios do diálogo, na criação de possibilidades e na sua circulação. O diálogo se interessa e busca articulações entre as múltiplas vozes envolvidas configurando *redes de diálogos*, que são componentes significativos do *círculo de conhecimento* e da construção social que o acompanha. Boa parte de nossa habilidade para permanecer receptivos e abertos com relação a outros – este outro pode ser uma realidade física, uma pesquisa, dados produzidos por um experimento, outra/s pessoa/s, uma organização ou uma comunidade – emerge da nossa consciência reflexiva, da multiplicidade de diálogos em que estamos envolvidos e de nossa participação nos processos em que estas realidades se “coconstroem” em nossa experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Novos paradigmas, diálogo como metateoria, processos generativos, realidades relacionais, complexidade, conhecimento prático, rede de diálogo, círculo de conhecimento, criação dialógica

ABSTRACT: The new paradigms favor a plural, poly-vocal and emerging conception of science, culture and inter-personal relationships, a conception that is co-constructed by means of communicative actions. From this perspective, generative processes, dialogue, ethics and social ecology become meaningful. This article proposes dialogue as a meta-theory focused on the active exploration of areas of contact and links as new territories of dialogue in the creation of possibilities and their circulation. Dialogue is concerned with linking the multiple voices engaged in a process in order to build *networks of dialogue*, important components of the *circle of knowledge* and its attendant social construction. Much of our ability to be receptive and open to others – whether that other is a physical reality, a research project, information yielded by an experiment, other persons, an organization or a community – depends on our reflexive awareness, on the multiplicity of the dialogues in which we engage, and on our participation in processes by which these realities are “co-constructed” in lived experience.

KEYWORDS: New paradigms, dialogue as meta-theory, generative processes, relational realities, complexity, practical knowledge, dialogue network, circle of knowledge, dialogical creation

**DORA FRIED
SCHNITMAN**

Ph.D. Diretora da Fundación Interfas. Profesora de Pós-graduação, Universidad de Buenos Aires. Profesora convidada, Universidad Adolfo Ibáñez, Chile. Faculty, Programa de Doutorado, The Taos Institute-Tilburg University. Profesora, Maestría Latinoamericana Europea en Mediación, Institut Universitaire Kurt Bösch, Suíça-Argentina. Codirectora, Red de Trabajo para Diálogos Productivos, www.dialogosproductivos.net. E-mail: dschnitman@fibertel.com.ar, interfas@fibertel.com.ar

Tradução de:

**ANDRÉ PEREIRA DA
COSTA**

A expressão “novos paradigmas” constitui uma forma sintética e conveniente de nos referirmos às mudanças pelas quais a teoria e a prática científicas passaram nos últimos quarenta anos. Durante esse período, a ciência e a cultura contemporâneas presenciaram a formação de novas perspectivas em ciências, cujos componentes tendem a se amalgamar e não são mais configurações isoladas.

Segundo a visão do paradigma da modernidade, a ciência podia levar à certeza, ao prognóstico. Este paradigma fazia-se acompanhar de uma busca de marcos uni-

* Publicado na revista *Pensando la Complejidad*, VIII, janeiro-junho de 2010.

versais que unificavam as explicações e nossa visão da realidade; buscavam regularidades, explicações inclusivas, sem espaço para o inesperado ou para os desenvolvimentos espontâneos. Na imagem do mundo que emergia, tudo o que ocorria devia ser, pelo menos em princípio, explicável em termos de leis gerais e imutáveis.

No quadro desta visão, éramos espectadores de uma narrativa já dada, uma linha de argumentação com um final conhecido por alguém que não éramos nós. A lógica desse tipo de representação – segundo Fox Keller (1994) – é a **história de um progressivo desaparecimento do autor-observador [cientista]**. Este desaparecimento tornou-se tão completo que permitiu uma representação do mundo progressiva e sem sujeito. Nesta visão, o curso dos acontecimentos nada tem a ver com a nossa participação neles.

Assim como a noção de paradigma nos remete a Kuhn (1970), a noção de novos paradigmas nos remete a processos de auto-organização, caos e irreversibilidade temporal; ao reconhecimento da complexidade, à inclusão do observador e à construção social das ciências, à passagem de formas monológicas a dialógicas na construção científica e cultural, à fertilização recíproca entre disciplinas, à heteroglossia (diversidade de discursos) e à inclusão de dimensões estéticas e éticas em processos criativos e científicos, entre outras transformações (Foerster, 1984; Fox Keller, 1994; Gergen, 1994; Guattari, 1990, 1994; Latour, 1987; Latour & Woolgar, 1979; Morin, 1994; Pearce, 1994; Prigogine, 1994; Prigogine & Stengers, 1979).

A perspectiva inovadora e criativa do tempo, o caos como fonte de processos de inovação, a complexidade como um mundo aberto de possibilidades que se aborda com um método

que detecta enlaces, conexões, pontos de articulação e dimensões diversas, a construção ativa realizada pelos sujeitos envolvidos no desenvolvimento de um trabalho científico e os contextos onde ele ocorre, a perspectiva do conhecimento como um processo generativo são **recursos dos novos paradigmas** que permitem que nos reorientemos de visões associadas a um mundo ordenado e previsível a outras, nas quais as turbulências, as oscilações e a criatividade fazem parte tanto do trabalho científico e dos contextos em que têm lugar, como da cultura e da vida cotidiana. A perspectiva na qual o futuro está previsto por sistemas políticos, científicos, psicossociais, econômicos alheios à participação social dá lugar a outras em que o futuro ainda precisa ser construído, e as pessoas e suas relações ganham importância.

Nesta inteligibilidade, o mundo é um evento emergente que implica uma abertura ao novo, ao inesperado. Os eventos singulares, não só as leis, necessitam ser reconhecidos e compreendidos. A criatividade está sempre presente em resposta às circunstâncias, aos eventos particulares em momentos particulares. A ciência se torna um diálogo com a natureza – e com outros –, **não um monólogo que podemos prosseguir segundo nosso arbítrio (Prigogine, 1994; Prigogine & Stengers, 1979)**. A monologização é uma forma de pensar que transforma o diálogo numa interação descarnada, vazia e sem vida. As formas de conhecimento que silenciam as vozes sintetizam o conteúdo mas desvirtuam sua natureza socialmente construída e sua incompletude. Muito embora a forma monológica tenha alimentado por séculos um hábito de pensar sem autoria, a inclusão da construção social e dos processos generativos emergentes nos reorienta ao diálogo e a uma ecologia da criação.

Em suma, a mudança crucial é uma passagem de perspectivas baseadas em narrativas totalizadoras, monológicas, sem autor, e espaços de interação não ideológicos que nossas mentes podem apreender sem dificuldade se equipadas com o método correto, à **concepção** de um universo multidimensional, plural, polivocal, a que podemos nos integrar como parte de sua ecologia e que está coconstituído, mais do que representado, por nossas ações comunicativas; nessa perspectiva, o diálogo e a ética ganham importância.

O que mais os novos paradigmas tornam possível? Eles nos conduzem a uma tentativa de nos envolvermos com destreza e conhecimento nos eventos únicos que não podem ser completamente previsíveis, nos quais é preciso elucidar como prosseguir. Os novos paradigmas também **nos permitem** considerar e conceitualizar projetos ou pautas orientadas a avançar na tarefa de construir um futuro, que não podemos prever, mas no qual podemos, sim, influir (Prigogine, 1994a, 1994b). Já não se trata de um plano estrategicamente implementado por algum operador externo ao sistema, mas sim – como propõe Morin (1994) – de ideias-farol, para encontrar o caminho adequado em circunstâncias mutantes, ideias que alertam sobre riscos e possibilidades, indicam um curso e nos permitem navegar atentos, no timão, às **contingências das coordenações** que surgem ou são necessárias entre múltiplos atores, contextos e dimensões dos temas tratados.

Os programas esboçados funcionam quando as condições externas alteram-se lentamente, quando não há perturbações. Estas circunstâncias dificilmente refletem nossa situação presente. A estratégia, agora, é a arte de trabalhar no contexto da incerteza (Morin, 1994). Mais que conhe-

cimento onisciente, necessitamos de um conhecimento generativo e local, enraizado ecologicamente, uma junção de saberes que incluem como fazer e saber como ser. Há uma virada em direção a uma **perspectiva que propõe que o mais promissor está definido** pelo exercício da curiosidade, pela criação, por um conhecimento generativo (Fried Schnitman, 1996, 2002) e por “teóricos/praticantes” que operem como observadores participantes em mundos sociais conceitualizados como pluralistas (Pearce, 1994). Não se trata de um programa esboçado por um especialista, mas sim de coordenações distribuídas socialmente entre diversos atores num jogo finamente elaborado.

Os novos paradigmas emergem de nosso contexto cultural, nos convidam a repensar a ciência, a cultura e a nós mesmos, nosso lugar e nossa responsabilidade, mas não como receptores de uma realidade separada de nossa observação. Somos convidados a um posicionamento ético baseado e enraizado na responsabilidade por nossas construções e pelas ações que as acompanham. Dificilmente seremos capazes de determinar ou aceitar nossa visão do mundo e nossos programas de ação baseados somente na perspectiva de uma realidade objetiva, que reflete uma verdade evidente. A partir de uma perspectiva dialógica, **construímos de maneira local, coletivamente**, aquilo que consideramos verdadeiro e adequado no processo de levar adiante diálogos e ações conjuntas: o recorte de uma visão da realidade, das relações, dos valores, dos significados. A noção de verdade dialógica é um processo, uma metanarrativa, não um conteúdo. Este tempo exige que encontremos maneiras de institucionalizar o diálogo como a forma, “não o conteúdo” de uma metanarrativa

para nosso trabalho, as comunidades e sociedades em que vivemos (Gergen, 1994; Pearce, 1993; Shotter, 1993a).

A forma pela qual levaremos adiante esta tarefa não se assemelha a um plano monológico a ser implementado estrategicamente ou aquilo que o paradigma da modernidade reconheceria como uma resposta. Nossas tradições intelectuais monológicas, descorporizadas, frequentemente nos fazem perder o sentido da qualidade dialógica da ciência, da cultura e da subjetividade. Na busca de regularidades, leis gerais para caracterizar este empreendimento, o meio vital em que transcorre se desvitaliza. A atividade se transforma em quietude, a pluralidade se reduz a uma visão única, a irreversibilidade se percebe como reversibilidade, a abertura se torna um sistema fechado e as potencialidades tendem a ser deixadas de lado.

A tradição modernista da ciência vem se dedicando a elucidar essências – seja da personalidade, das condutas, do aparelho psíquico, dos átomos, dos gens ou dos mercados – com o objetivo primário de estabelecer *corpus* de conhecimento objetivo e sistemático. Desenvolvimentos mais recentes, incluindo as perspectivas coconstrutivistas e construcionistas, enfatizam a pluralidade das narrativas científicas e seus efeitos ilocucionários na medida em que atuam para criar, sustentar ou modificar mundos sociais. O coconstrutivismo e o construcionismo fornecem novas formas de compreensão que questionam os modos de entender o conhecimento e introduzem novas perspectivas e práticas. Ambas concordam em não aderir ao dualismo sujeito-objeto e à premissa segundo a qual o conhecimento é apenas uma representação do mundo. A construção do mundo e o conhecimento científico e cultural têm lugar dentro de formas

de relação e vínculos sociais. No nível metateórico, convidam a uma diversidade de perspectivas sobre a realidade ao mesmo tempo em que reconhecem a contingência e a posição material, histórica e cultural de cada uma (Gergen, 2002, 2009).

DIMENSÕES PRAGMÁTICAS DA COMPLEXIDADE, DOS PROCESSOS EMERGENTES E DA AUTO-ORGANIZAÇÃO. ALGUMAS DISTINÇÕES A RESPEITO DO DIÁLOGO E DO CONHECIMENTO PRÁTICO

A ação social conjunta não faz sentido numa perspectiva monológica que favorece a adesão monádica a um ponto de vista ou a uma ideia. No monologismo, os participantes escutam para refutar os argumentos dos demais e provar as falhas na lógica que utilizam; as perguntas são formuladas com base na certeza. No diálogo, por sua vez, dá-se uma expressão plural, diversificada; os participantes expressam dúvidas, incertezas, bem como crenças muito arraigadas, e o questionamento se torna um instrumento para a criação contínua de novas possibilidades.

Uma característica central do diálogo* é que se trata de um processo generativo emergente sempre recíproco entre interlocutores que elaboram, criam, constroem, sintetizam, diferem, diluem significados**, à medida que esse processo se desenrola. Num diálogo, os participantes se dirigem a outros e escutam ativamente com o propósito de compreender e obter uma visão mais complexa e rica sobre as perspectivas, dados, pesquisas e preocupações dos outros; são formuladas perguntas, emerge nova informação, e um bom resultado requer a exploração das complexidades dos temas considerados. Diferentes perspectivas enri-

* Estamos utilizando a noção de diálogo proposta por Bakhtin (1981, 1982, 1986).

** Para ele, o significado tem valor semântico-social cujo depositário é a forma das palavras, e neste aspecto são acima de tudo portadoras de valoração social (Bubnova, 2006).

quecem a versão e **visão de um problema** e lhe conferem profundidade. No diálogo, as diferenças **entre participantes** e aquelas próprias de cada um se revelam no processo de explorar a base individual e pessoal das crenças e valores, e criam uma perspectiva mais profunda sobre as **circunstâncias**, recorrendo à metáfora batesoniana da visão binocular da qual depende a visão de profundidade (Bateson, 1979).

A qualidade emergente de uma relação dialógica é poder se apoiar nos recursos da linguagem e da lógica, mas também os ultrapassa. Os participantes criam em conjunto um diálogo num espaço virtual que se desenrola com uma compreensão em ação e um posicionamento recíproco que vai se transformando.

A perspectiva objetivista do mundo não dá vez aos processos generativos nem aos dialógicos. A incompletude do diálogo e uma perspectiva aberta a singularidades, diferenças e diversidades pessoais, culturais e de tradições científicas operam como uma oportunidade que conclama a novas aberturas e questionamentos. Surpresa, incerteza, descoberta, interesse e curiosidade, mais que poder, constituem as emoções e relações associadas ao diálogo e aos processos generativos emergentes.

O diálogo, como um modo privilegiado de comunicação, nesta visão de um mundo pluralista, polivocal, se interessa e busca as articulações entre as múltiplas vozes envolvidas. Neste tipo de mundo, toda forma de ação social, incluindo a pesquisa, o uso sustentado de todo grupo de procedimentos ou formas de participação, marca suas **próprias perspectivas e desvios em relação** ao conhecimento que criamos. A pesquisa científica **não é um monólogo** e sim um diálogo por meio do qual as realidades que estudamos respon-

derão aos nossos questionamentos, mas o farão no marco dos termos com que formulamos nossas perguntas (Prigogine, 1994a, 1994b). A pergunta científica recria o espaço de produção: com quem se está em diálogo? As equipes, as redes, os grupos de referência e a interdisciplinaridade conquistam novos lugares.

Nossos interesses e pressupostos **dão forma aos nossos questionamentos** e interpretações dos dados; nossa compreensão se relaciona ativamente com uma multiplicidade de diálogos, incluindo os que sustentamos com os temas e as realidades que estudamos*. Toda vez que produzimos algo respondemos a algo que foi feito antes e nos posicionamos em relação a estudos prévios ou futuros, e àqueles com os quais se vinculam. Numa rede de diálogos falamos a partir de uma tradição, nos posicionamos com relação a outros estudos possíveis, às maneiras pelas quais outros – as múltiplas plateias e interlocutores que são parte do meio social interconectado – poderiam considerá-lo. Que respostas e avaliações poderia suscitar?

Deixando de lado os contextos mais óbvios sempre presentes como parte de todo empreendimento científico, estas *redes de diálogos* revelam-se componentes significativos do *círculo de conhecimento* e da construção social que o acompanha (Schnitman, 1998). Boa parte da nossa habilidade para permanecer receptivos e abertos em relação a outros – este outro pode ser uma realidade física, dados produzidos por um experimento ou questionário, outra(s) pessoa(s), uma organização ou uma comunidade – emerge de nossa consciência reflexiva, da multiplicidade de diálogos em que estamos envolvidos e de nossa participação nos processos em que estas realidades se “constroem” na nossa experiência (Pearce, 1993).

* Tal como afirma Bakhtin: “Chamo de sentidos as respostas às perguntas. O que não responde nenhuma pergunta, para nós, carece de sentido” (Bajtín, 1982, p. 350).

As implicações dessas transformações sugerem novos critérios para avaliar toda forma de conhecimento, pesquisa ou prática que tenhamos criado. Assim sendo, um critério para avaliar todo método de pesquisa ou outra forma de participação e seus resultados é constituído pela habilidade reflexiva que nos permite discernir tanto nossos próprios horizontes como as vozes que falam linguagens diferentes.

A ênfase na heteroglosia (pluralidade de discursos), na polifonia (pluralidade de vozes), na singularidade, na coordenação e nas quebras de consenso visa a perguntar e a desarticular os pontos fixados pelas subjetividades, visões hegemônicas e dogmatismos predominantes que limitam os centros de criatividade. A criatividade exige linhas de fuga, contradições, colapsos naquilo que ainda não tem sentido, que só pode ocorrer quando existem aberturas às mais diversas dimensões do reconhecimento do outro (Guattari, 1990, 1994).

Nesta perspectiva, é importante nos mantermos reflexivamente abertos à diversidade, ao inesperado, às singularidades que não pertencem aos códigos dominantes para discernir os registros – que não necessariamente correspondem à teoria ou visão de mundo a que aderimos, nós ou outros – e permitir que surja a disparidade entre os sistemas explicativos e as experiências, porque só nesta diversidade, só a partir de um posicionamento com relação a outros pontos de vista ou perspectivas, podemos começar a desenvolver uma formulação, uma representação suficientemente rica de nossa experiência para ter consciência dessa complexidade. A habilidade para desenvolver múltiplas narrativas e reunir componentes variados exerce uma pressão extraordinária sobre corpos de conhecimento fechados

em si mesmos, reposicionando-nos como sujeitos generativos em universos emergentes e diversificados (Fried Schnitman, 1994).

Descobertas inesperadas têm lugar no processo de explorar novas práticas e perspectivas, porém os participantes as registram quando podem construí-las, reconhecê-las e descrevê-las durante o próprio processo. Depois que se consegue isso, as decisões tomadas e os itinerários percorridos ganham visibilidade, e tornam-se marcadores de transformação.

Nas humanidades existe uma tradição de práticas construtivas e desconstrutivas que operam entre o existente e o emergente como plataforma para expandir possibilidades. Mediante a desconstrução de premissas, projetos e temas implícitos no existente é possível gerar uma nova rede de descrições e práticas. Os enlaces de descrições e práticas, novas e prévias, abrem possibilidades e alternativas para considerar uma multiplicidade de perspectivas criando um tipo de compreensão não disponível no início do processo. Do emaranhado das relações surgem novas possibilidades que respondem e contribuem para necessidades e oportunidades locais, e, no processo, semeiam a criatividade futura (Fried Schnitman, 1995, 1996).

Os espaços científicos, culturais e relacionais expandiram o conhecimento para abarcar dimensões estético-criativas da experiência para além de um foco territorializado nas artes, questionando as distinções tradicionais entre a arte e as ciências. A possibilidade de gerar qualidades de existência originais não consideradas, conhecimentos ou crenças, de transformar potencialidades em possibilidades e novas realidades existenciais, aproxima nossa experiência de metáforas abertas e incompletas de criatividade e aprendiza-

gem (Fried Schnitman, 1994; Guattari, 1990, 1994).

De uma perspectiva construtivista (Foerster, 1984), derivam as noções de auto-organização, reflexividade e unidade entre o processo de observação, a própria observação e construção do observador, as quais permitem considerar tanto a inclusão do observador naquilo que estuda ou constrói como a emergência do “si mesmo”, enquanto parte e produto dos processos de que participa e que, por sua vez, o constroem recursivamente. O construcionismo enfatiza a maneira pela qual coletivamente – como interlocutores e em nossas relações – participamos da construção de nossos mundos sociais e de nós mesmos (Gergen, 1994).

Ambas as perspectivas propõem uma alternativa ao objetivismo. Em contraste com a perspectiva que afirma que as palavras **têm significado porque representam** objetos existentes num mundo objetivo ou na mente dos usuários, as perspectivas construtivista e construcionista enfatizam o caráter formativo e a referência relacional do diálogo, da linguagem, e sua inseparabilidade de ações humanas generativas.

De que modelos e práticas necessitamos para atender aos processos generativos? Os modelos e as práticas que **propõem focos de experiência esboçados** precisam ser complementados com modelos que permitam que os participantes reconstruam seus centros de experiência. Pesquisadores e realidades, grupos e contextos, terapeutas e clientes convertem-se em autores de cada processo singular através de um foco nas atividades específicas, locais e situadas de construção social da realidade. As micropráticas e os microdiálogos se mostram de significativa importância não só como dados ou ilustrações de temas mais gerais mas também como objeto de questiona-

mento apropriado para processos generativos.

Podemos denominar *criação dialógica* a construção gradual no tempo de algo novo por meio do diálogo reflexivo e da aprendizagem conversacional. No processo generativo que se desenrola, as pessoas ou grupos compreendem, experimentam, descobrem, desenvolvem uma perspectiva, e posicionam-se de modo distinto. Esta abordagem entende a criação de significado, experiência e conhecimento como um processo construtivo no qual os eventos específicos, ações e episódios **têm o potencial de transformar** as pautas de relação social e o conhecimento desde o seu interior. Os episódios com potencial de expandir, transferir ou criar novos significados e práticas viram núcleos alternativos que podem se desenvolver em contextos privilegiados para a interpretação e a prática. Nesta perspectiva, o questionamento foca em como se gera este tipo de episódios, em como algo novo emerge e se consolida transformando-se num contexto para a nova perspectiva, a prática ou o significado. Algumas perguntas que nos guiam nesta busca são: que **coordenações discursivas e sociais favorecem** esses desenvolvimentos?; quais são os contextos ou as condições que facilitam a **emergência e a manutenção de novas possibilidades** de significado e ação (Fried Schnitman & Schnitman, 2000)?

A construção de futuros como parte da mudança implica a exploração dos procedimentos para ter acesso a esses futuros enquanto se atua sobre as **circunstâncias atuais**. As **possibilidades** criadas na conversa generativa se tornam realidades virtuais que, uma vez criadas, podem ser atualizadas se sustentadas por ações que conduzam a alternativas existenciais e a realidades diversas (heterogênese ontológica).

O diálogo e a polifonia consideram a possibilidade de uma troca significativa entre pessoas e grupos tanto na produção científica como no desenvolvimento de práticas. As diferentes linguagens, experiências e culturas nos aproximam da coexistência de uma pluralidade de realidades sociais, criando *alternativas complexas* a visões monológicas excludentes. Essas aproximações facilitam a construção de novas maneiras de nos relacionarmos na diversidade, com maior consciência da multiplicidade de vozes e perspectivas envolvidas, e da necessidade do diálogo com o outro. Os diálogos com foco nos processos emergentes registram o diferente e utilizam modelos não lineares de mudança que favorecem **visões complexas e processos de auto-organização** original para avançar até formas de relação e conhecimento que deem respostas úteis às questões postas. Esses diálogos trabalham com os princípios sustentados pelos novos paradigmas e pelas possibilidades emergentes. Neste processo, os próprios participantes, suas perspectivas e suas relações vão se transformando.

PROCESSOS EMERGENTES: O DIÁLOGO COMO METATEORIA

Resumindo: o diálogo como metateoria promove a troca entre diversas pessoas, difere da linguagem e contém uma multiplicidade de vozes que lhe conferem profundidade e sentido. Atende às condições do contexto e ao momento (cronotopo) em que sucede, é resultado de uma relação recíproca entre os participantes que se envolvem – tornam-se coautores – e estabelecem uma compreensão ativa. Todo diálogo tem sempre um projeto, uma qualidade antecipatória e é sempre incompleto, permanecendo aberto (Bajtín, 1982).

Participar de um diálogo implica poder escutar e se expressar, apreciar, identificar recursos, promover inovações, reconhecer momentos sutis e originais, aprender reflexivamente; estar atento à complexidade com um foco no propósito e no fluxo da conversa; aprender a observar e participar em interações dialógicas.

Todo diálogo tem um domínio – de que trata –, um propósito – que objetivo o anima –, um contexto – em que situação –, participantes – quem está envolvido –, é específico – ocorre em condições singulares. Os diálogos trabalham com uma “lógica” da possibilidade, do emergente, que expande a criação de valor a limites insuspeitados.

Pode promover processos **não previsíveis** ou necessariamente conhecidos, as possibilidades e interações que emergem no diálogo podem iniciar ou favorecer processos de auto-organização, e transformar-se progressivamente em novas perspectivas e práticas possíveis. A interação dos participantes pode produzir inovações ou levar a mudanças que vão mais além do seu próprio conhecimento. O **diálogo como metateoria** tem uma dimensão ética e uma **referência relacional: a responsabilidade** se expressa no reconhecimento dos limites que nossas participações e descrições promovem, e uma reflexão acerca de até onde e como avançar. A emergência, a auto-organização e a complexidade se dão no espaço social do diálogo e da produção do conhecimento entre pessoas e entre diversos campos de conhecimento.

As dimensões criativas e reflexivas que o diálogo, como metateoria, empresta – em diferentes disciplinas – ao conhecimento nos permitem repensar premissas, perspectivas, formas de prática e discursos institucionais como processos interrelacionados e abertos. A polifonia do diálogo nos

convida a exercitar a curiosidade e o interesse pela relevância dos vínculos como centro para tornar o mundo efetivamente habitado; também requer o nosso compromisso como participantes e construtores ativos de um mundo forçosamente social, com responsabilidade por nossas ações e relações.

O DIÁLOGO COMO METATEORIA E OS PROCESSOS GENERATIVOS

Este processo se centra naquilo que os participantes são capazes de construir criando possibilidades na exploração ativa das zonas de contato e dos enlaces como novos territórios do diálogo, e pondo em circulação as novas possibilidades.

A habilidade para promover sínteses, recuperar recursos e possibilidades, permite criar condições para inovar e avançar. Trata-se de uma criação dialógica com estruturas cognitivas e construtivas aptas a organizar novos significados, relações e práticas.

Os “espaços sociais” podem ser definidos como uma instância dialógica de ação social coordenada. Nesses espaços, os participantes interpretam, constroem sentido e ações conjuntamente, e se reconhecem reciprocamente como copartícipes.

Este tipo de procedimentos incorpora os participantes como pesquisadores da própria situação que se propõem estudar ou transformar, como pessoas em condições de produzir possibilidades inéditas no diálogo. Ou seja: sujeitos-agentes proativos que utilizam as próprias reflexões para melhorar a compreensão e a ação enquanto têm lugar. Tais processos incrementam a recuperação de poder (*empowerment*) e o reconhecimento dos participantes.

Esta virada convida os participantes a focar na construção de um futuro

em relação ao problema que os ocupa, isto é, a especificar até onde querem ir, como transformar a situação atual, como gostariam que fosse o futuro caso tivessem a oportunidade de construí-lo e como começar a fazê-lo. O olhar para o futuro torna relevantes as perguntas sobre o que pesquisar, o que cada um poderia fazer de maneira diferente, o que funcionou, o que pode ser reciclado. Também assumem relevância as questões sobre como notariam que mudaram e o que impediria imaginar um futuro, o que escolheriam se pudessem propor alternativas.

A reflexão a respeito do conhecimento e das possibilidades resultantes torna visíveis opções e escolhas originais que podem, por seu turno, ser motivo de novas reflexões, configurando uma espiral generativa.

Por esta perspectiva, o processo se transforma num empreendimento criativo no qual não só se descobrem as inovações como estas podem ser construídas ativamente, reconhecendo e valorizando diferenças, oportunidades e possibilidades, explorando aquilo que funciona bem e como incrementá-lo, incluindo as possibilidades existentes em novas combinações adaptadas a maneiras diferentes de ver a realidade, até que se possam imaginar outras relações.

Assim, em todo processo há um campo generativo especificado por dois eixos que ligam, de um lado, os objetivos específicos da situação a se conhecer ou resolver e uma visão de futuro e, de outro lado, uma solução criativa de problemas, recursos e oportunidades a expandir.

Quem participa de um processo de diálogo generativo está atento a outras vozes latentes ou esboçadas no dito – como torná-las audíveis, transformá-las ou ligá-las –, registra o sutil ou fugaz, as variações – mesmo as quase

imperceptíveis –, e mantém consistentemente uma ótica voltada para registrar a novidade, as flutuações, as variações nos possíveis enlacs no diálogo e entre diálogos. Deste modo, configuram-se no diálogo plataformas para a criação de possibilidades.

As possibilidades emergentes são estruturas de compreensão humana, imaginativas e transversais, que influem na construção das significações, na sua natureza, nas aberturas e restrições impostas pelas inferências que se elaboram. Encarnadas nos diálogos e nas comunidades discursivas de onde emergem, essas possibilidades podem se constituir em nós generativos e adquirir – via enlacs e processos de auto-organização, através de seu uso – um espaço expandido no conhecimento, nas práticas e nas relações sociais. Quando operam como novos nós e enlacs, as possibilidades emergentes expandem os espaços do dado, vinculando descrições de formas nunca antes consideradas, que permitem captar relações originais. Se estas possibilidades emergentes se consolidam como óticas privilegiadas, oferecem uma nova visão da situação e cursos de ação inéditos.

Esta visão pressupõe que trabalhar na transformação das possibilidades existentes em um sistema social, assim como com sua capacidade para desenvolver novas alternativas frente a situações mutantes, requer atenção para aquilo que funciona bem, para a diversidade, a possibilidade e a criação de oportunidades (Fried Schnitman, 1995).

A transformação de possibilidades em ações efetivas constrói-se de modo gradual, área por área, mas não linearmente. Refletir em ação sobre esta progressão permite identificar um conjunto de saberes originais e de saberes sobre saberes.

Apreender(-se) no ato de construir esses saberes e ações originais, e os saberes que deles emergem, implica aprender a trabalhar com os processos formativos de novos mundos sociais, de contextos/relações/pessoas e de problemas/possibilidades. Utilizá-los configura um sistema que aprende; incorporá-los como conhecimento acerca da comunicação e dos processos sociais para construir a possibilidade de trabalhar com processos emergentes transforma-os em um sistema generativo.

Quando os participantes conseguem promover resoluções com sabedoria e coragem, reapropriando-se do próprio poder e reconhecendo o outro – pessoa, tema, produção, teoria etc. – com que está em diálogo, toda resolução se mostra um processo transformacional. Esses processos não podem ser avaliados exclusivamente por seu resultado final; também devem ser consideradas as oportunidades que se abrem no desenvolvimento mesmo do processo, e sua capacidade para se sustentar como plataformas para a ação.

CONSTRUÇÃO DE REALIDADES RELACIONAIS E GENERATIVAS COM BASE NOS NOVOS PARADIGMAS

Neste ponto nos propomos a distinguir um “conhecimento acerca dos fenômenos, perspectivas, pesquisas, processos e metodologias considerados pelos novos paradigmas” de um “conhecimento como metateoria no contexto dos novos paradigmas”, o qual se pergunta sobre o caráter de nossas experiências em diferentes situações de ação conjunta – equipes de trabalho, pesquisa, docência, relações entre equipes, conferências científicas, vida cotidiana.

Como exemplo de trabalho com uma pragmática relacional vincula-

da aos novos paradigmas gostaria de mencionar a organização do Encontro “Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade”*, para o qual desenvolvemos diferentes experiências baseadas nos processos de diálogo como metateoria. Nesse encontro participaram Ilya Prigogine, Edgar Morin, Heinz von Foerster, Ernst von Glasersfeld, Evelyn Fox Keller, Félix Guattari, José Jiménez, Mark Wigley, W. Barnett Pearce, Harold Goolishian, Mony Elkaim, Gianfranco Cecchin y Carlos Sluzki, entre outros. Todos tinham contribuições teóricas, de pesquisa e práticas amplamente difundidas. Criamos um espaço social que permitiu que os convidados avançassem mais além dos seus materiais previamente publicados. Na concepção, tomamos o diálogo como metateoria, tanto na maneira de abordar os temas como na relação entre os participantes e o Encontro.

A primeira tarefa foi a elaboração de uma proposta que foi enviada a todos os convidados; a partir dessa proposta mantivemos diferentes diálogos entre grupos de possíveis participantes que culminaram com uma reunião da maioria dos convidados; os temas das trocas giraram em torno de como organizar um encontro científico-cultural com um formato dialógico, diferente dos congressos habituais. Como descrever cada uma dessas conversas mostra-se quase impossível, nos limitaremos a algumas características do processo. A transição para o diálogo e um projeto generativo desde a adesão dos convidados exigiu coordenações, negociações e a participação de todos; cada um contribuiu para dar forma ao que procurávamos alcançar: a criação de um espaço polivocal, polidiscursivo, onde **cada um** expressasse o significativo, o relevante, o que esperava, desejava perguntar ou o que lhe interessava dos demais, o que podia e de-

sejava expressar, quais eram os temas ou agenda significativa, quais eram as fronteiras do conhecimento, como nos aproximarmos, com que temáticas e com que projeto. Tivemos que criar um procedimento novo: tomar o diálogo e a construção social do Encontro como os articuladores da participação e das contribuições. Dividimos todas as produções e respostas, e dessa troca surgiu a agenda de temas e o desenho; e esta forma de trabalho se manteve durante o Encontro. Foi uma tarefa laboriosa abandonar a forma monológica característica dos congressos e da produção científica e cultural em que as pessoas se referem ao que já sabem, já disseram, seguindo-se um momento de diálogo geralmente pautado por perguntas e respostas, mas sem uma reflexão conjunta nem abertura para o inesperado.

Depois que concordamos em trabalhar juntos e sobre os temas que nos ocupariam, o desafio consistiu em planejar uma reunião **aberta a processos emergentes** que, ao mesmo tempo, preservasse seu foco. Para isso combinamos, num processo anterior ao Encontro, que os oradores se deslocassem de seus temas específicos – o já conhecido – para se concentrar em formular as questões relevantes para cada um. Também combinamos que anteriormente ao Encontro cada um faria sua proposta, questões e reflexões **na primeira pessoa**, assim como o que desejaria ouvir nas apresentações dos outros, e que esta informação circularia entre todos os convidados. Deste processo de trabalho prévio surgiu o temário do Encontro, durante o qual cada palestrante teve um espaço para apresentar seu tema e inquietudes; em seguida a essa apresentação, **teve lugar um diálogo** do orador central com outros oradores. Assim, cada um deles participou no diálogo posterior à sua apresentação e em outros diálogos que se seguiram às

* Buenos Aires, 21 a 28 de outubro de 1991, organizado pela Fundación Interfas. É um exemplo do nosso desenvolvimento de metodologias dialógicas, nesse caso aplicadas à difusão do conhecimento.

apresentações de outros oradores. Um terceiro espaço permitiu aos oradores dialogar acerca dos diálogos – anteriores ou próximos –, um quarto espaço consistiu em diálogos com os assistentes, que se fez acompanhar por uma reflexão estética sobre os temas tratados.

Criar coletivamente um consenso sobre este modelo foi trabalhoso e enriquecedor. Os resultados da realização deste Encontro expandiram-se à maneira do efeito borboleta: uma transformação muito importante no nível científico-cultural em diversos países e em diferentes disciplinas que abriu diálogos transformadores e promoveu reformulações; a vivência expressada de estar participando num evento único e histórico, e um incremento exponencial da produção e publicações em múltiplas disciplinas. “O melhor congresso da minha vida” e “o Encontro foi transformador” são alguns comentários de assistentes que ainda hoje continuo recebendo, vinte anos passados. O Encontro explorou não só a complexidade dos temas como também os processos emergentes no diálogo e na construção de realidades conversacionais: pela primeira vez *fizemos novos paradigmas*. Isso foi possível porque trabalhamos em uma rede dialógica generativa que manteve uma comunicação ativa e focalizada nas coordenações significativas e nos processos que necessitávamos promover em diferentes momentos; trabalhamos desde dentro a complexidade, a emergência, a auto-organização e a construção social. Exigiu coragem e sabedoria de todos a decisão de avançar mais além dos nossos limites. Uma equipe trabalhou em Buenos Aires, uma na Europa e uma na América Latina (isso antes da instalação de redes de computador).

Situemos este processo no momento histórico em que se deu: no período

1989-1991. O livro de mesmo título foi publicado em 1994. Nos últimos vinte anos, em diferentes campos – economia, desenvolvimento organizacional, urbano e comunitário, cooperação internacional, educação, psicoterapia, docência etc. – desenvolveram-se metodologias de trabalho que operam com o diálogo e com os novos paradigmas como metateoria. Este foi apenas um começo, resta muito a fazer.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin**, M.M. (1981). *The Dialogic Imagination. Four Essays by M.M. Bakhtin*. Austin: University of Texas Press.
- Bajtín**, M. (1982). *Estética de la creación verbal*. México: Siglo XX.
- Bakhtin**, M.M. (1986). *Speech Genres and Other Late Essays*. Austin: University of Texas Press.
- Bateson**, G. (1979). *Mind and Nature*. Toronto, New York, London: Bantam Books.
- Bubnova**, T. (2006). Voz, sentido y diálogo en Bajtín. *Acta Poética*, 27 (1), 97-114.
- Foerster**, H. von. (1984). *Observing Systems*. USA: Intersystems Publications.
- Fox Keller**, E. (1994). La paradoja de la subjetividad científica. In: D. Fried Schnitman. *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. (pp. 143-173) Buenos Aires: Paidós.
- Fried Schnitman**, D. (1994). *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. Buenos Aires: Paidós.
- Fried Schnitman**, D. (1995). Hacia una terapia de lo emergente: construcción, complejidad, novedad. In: S. McNamee & K.J. Gergen (Comps.). *La terapia como construcción social*. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós.

- Fried Schnitman, D.** (1996). Between the extant and the possible. *Journal of Constructivist Psychology*, 9 (4), 263-282.
- Fried Schnitman, D.** (1998). Navigating in a circle of dialogues. *Human Systems: The Journal of Systemic Consultation & Management*, 9 (1), 21-32.
- Fried Schnitman, D.** (2002). New paradigms, new practices. In: D. Fried Schnitman & J. Schnitman (eds.). *New Paradigms, Culture and Subjectivity*. Nova Jersey: Hampton Press, 345-354.
- Fried Schnitman, D., & Schnitman, J.** (2000). La resolución alternativa de conflictos: un enfoque generativo. In: D. Fried Schnitman (Comp.). *Nuevos paradigmas en la resolución de conflictos: perspectivas y prácticas*. Buenos Aires-Barcelona-México-Santiago-Montevideo: Granica, 133-158.
- Gergen, K. J.** (1994). *Realities and Relationships: Soundings in Social Construction*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- Gergen, K.J.** (2002). Foreword. In: D. Fried Schnitman & J. Schnitman (Eds.). *New Paradigms, Culture and Subjectivity*. Nova Jersey: Hampton Press, xi-xv.
- Gergen, K.J.** (2009). *Relational Beings: Beyond Self and Community*. New York: Oxford University Press.
- Goolishian, H., & Anderson, H.** (1994). Narrativa y Self: algunos dilemas posmodernos de la psicoterapia. In: D. Fried Schnitman (Comp.). *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 293-306.
- Guattari, F.** (1990). *Las tres ecologías*. Valencia: Pre-Textos.
- Guattari, F.** (1994). El nuevo paradigma estético. In: D. Fried Schnitman. *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 185-204.
- Kuhn, T.** (1970). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Latour, B.** (1987). *Science in Action*. Milton Keynes, England: Open University Press.
- Latour, B., & Woolgar, S.** (1979). *Laboratory Life: The Social Construction of Scientific Facts*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Morin, E.** (1994). Epistemología de la complejidad. In: D. Fried Schnitman. *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. Buenos Aires: Paidós, 421-442.
- Pearce, W.B. &** (1993). Achieving dialogue with 'the other' in the post-modern world. In: Philip Gaunt (ed.) *Beyond Agendas: New Directions in Communication Research*. (pp. 59-74) Westport, CT: Greenwood Press.
- Pearce, W. B.** (1994). Nuevos modelos y metáforas comunicacionales: el pasaje de la teoría a la praxis, del objetivismo al construccionismo social y de la representación a la reflexividad. In: D. Fried Schnitman. *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. (pp. 265-283). Buenos Aires: Paidós.
- Prigogine, I.** (1994a). ¿El fin de la ciencia? In: D. Fried Schnitman. *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. (pp. 37-65). Buenos Aires: Paidós.
- Prigogine, I.** (1994b). De los relojes a las nubs. In: D. Fried Schnitman. *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. (pp. 395-419). Buenos Aires: Paidós.
- Prigogine, I., & Stengers, I.** (1979). *La nouvelle alliance*. Paris: Gallimard.
- Shotter, J.** (1993b). *Conversational realities*. Londres: Sage.